

VII Congresso Mundial de Estilos de Aprendizagens
Bragança-Portugal, Julho, 2016
Estratégias Didáticas Criativas de Ensino e de Aprendizagem

Simão de Miranda
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Brasília, Brasil
simaodemiranda@gmail.com

Albertina Mitjáns Martínez
Universidade de Brasília/Faculdade de Educação
Brasília, Brasil
amitjans49@gmail.com

Resumo

O presente trabalho, fruto de elaborações pessoais dos autores, tem o objetivo de abordar os processos de ensinar e de aprender à luz da criatividade na perspectiva da subjetividade (Mitjáns Martínez, 2008a) e na compreensão de ensino e aprendizagem de González Rey (2012) e Mitjáns Martínez e González Rey (2012). Sustentando-se nas concepções de trabalho pedagógico criativo e de aprendizagem criativa desenvolvidas por Mitjáns Martínez (2008a, 2008b), propostos pelo Sistema Didático Integral para Contribuir ao Desenvolvimento da Criatividade, construto formulado por Mitjáns Martínez (1997), objetiva também partilhar estratégias didáticas criativas que colaboram para o enriquecimento do trabalho pedagógico, favorecendo aprendizagens efetivas, produtivas e que façam sentido aos nossos alunos.

Palavras-chave: Aprendizagem, Criatividade, Ensino, Sistema Didático Integral, Subjetividade.

1 Introdução

Os atos de ensinar e de aprender são complexos, dinâmicos e contraditórios. O que é aprender? Como aprendemos? Por que aprendemos? O que é ensinar? Como ensinamos? Por que ensinamos? Ensinar e aprender são processos recursivos e não é possível sabermos onde um termina e o outro tem começo. Há vários estilos de ensino e de aprendizagem, dentre estes alguns são claramente definidos no panorama educacional, como os memorísticos e os compreensivos. Sabemos pouco, por exemplo, sobre os significativos e os criativos. Por isso, estes últimos são objetos salientes neste trabalho. As aprendizagens memorísticas, fundamentam-se na repetição, têm finalidades exclusivas e transitórias, alocam-se na memória

de curto prazo e esvaem-se brevemente, caso não se tornem efetivas; as aprendizagens compreensivas avançam um pouco mais e “traduzem” as informações recebidas para a linguagem do aluno. O aluno compreende, todavia, não saberá o que fazer com tais informações. As aprendizagens significativas são, originariamente, compreensivas, mas enriquecem-se de significados e sentidos para o aprendente, que constrói relações entre os conteúdos aprendidos, que dialogam entre si e se efetivam no seu dia-a-dia e, por isso, podem ser mais duradouras. As aprendizagens significativas podem dar um salto extra e se tornarem aprendizagens criativas. Originadas nas aprendizagens compreensivas e significativas são àquelas em que o aprendente, enquanto sujeito ativo, crítico e reflexivo, produz na sua singularidade, a partir da informação dada. Esta aprendizagem transcende ao que lhe é apresentado, ganhando significados e sentidos singulares. Convencemo-nos de que os processos de ensinagens e de aprendizagens usuais não dão conta de produzir aprendizagens efetivas, produtivas e não puramente reprodutivas. Em virtude disso, profunda e historicamente implicados na transformação das formas tradicionais de ensino e de aprendizagem, os autores discutem neste trabalho os processos de ensinar e de aprender à luz da criatividade na perspectiva da subjetividade (Mitjans Martínez, 2008a) e na compreensão de ensino e aprendizagem de González Rey (2012) e Mitjans Martínez e González Rey (2012). Apoiando-se nas concepções de Trabalho Pedagógico Criativo e de Aprendizagem Criativa, desenvolvidas por Mitjans Martínez (2008a, 2008b), conceitos estes que serão desenvolvidos mais adiante, propõem o estudo e a prática de estratégias didáticas criativas que colaboram para o enriquecimento do trabalho pedagógico, favorecendo aprendizagens efetivas, produtivas e que façam sentido aos aprendentes.

2 Marco teórico

Este trabalho se ancora na Teoria da Subjetividade na Perspectiva Histórico-Cultural a qual percebe a subjetividade como “a organização dos processos de sentido e significado que aparecem e se configuram de diferentes formas no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais nos quais o sujeito atua” (González Rey, 1999, p. 108). Nesta perspectiva, a subjetividade é entendida por sua “dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, definida como espaço ontológico” (González Rey, 2003, p. 75). É, portanto, um sistema multidimensional complexo influenciado pelo histórico-social onde o sujeito atua enquanto elemento ativo em tal constituição. Assim, a subjetividade individual assume-se como experiência do sujeito histórico, que não pode ser desprezada quando se estuda a criatividade.

A propósito, a concepção de criatividade que adotamos conjuga-se com a ideia de uma criatividade enquanto processo subjetivo humano “na sua simultânea condição de subjetividade individual e subjetividade social que se expressa na produção de ‘algo’ que é considerado ao mesmo tempo ‘novo’ e ‘valioso’ em um determinado campo da ação humana (Mitjans Martínez, 2008a, p. 70). Ampara-se na perspectiva de Aprendizagem Criativa formulada por Martínez Mitjans (2008a) que aponta para “uma forma de aprender caracterizada por estratégias e processos específicos, em que a novidade e a pertinência são indicadores essenciais” (p. 86) e que “implica em operações e estratégias que se caracterizam pela transformação personalizada dos conteúdos a serem apreendidos, processo no qual emergem sentidos subjetivos que de forma recursiva alimentam o processo de aprender criativamente” (p. 89). Tal perspectiva poderá favorecer o trabalho pedagógico, dinamizando-o, motivando alunos e professores e atribuindo-lhe significados, ampliando assim as possibilidades de sucesso dos processos de escolarização. Compreendemos Trabalho Pedagógico Criativo como ações pedagógicas originais, planejadas, que permitam avaliações de seus impactos nos níveis de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos. Na crítica da autora (Op. Cit.) a criatividade é comumente utilizada nas salas de aulas “como objetivos em si mesmos, já que não são acompanhados de um interesse real para analisar sua eficiência e integrá-los com outros elementos do trabalho pedagógico, para produzir as melhorias necessárias na aprendizagem e no desenvolvimento” (p. 71).

Mitjans Martínez (1997) propôs o **Sistema Didático Integral para Contribuir ao Desenvolvimento da Criatividade** no qual apresenta concretas possibilidades de se introduzir novidades na organização do trabalho pedagógico e, por conseguinte, nos processos de aprendizagens dos alunos, potencializando a criatividade nestes dois espaços, que poderá possibilitar apropriações significativas do que é ensinado. Tal sistema é composto por recomendações que abarcam um conjunto amplo de situações, tais como:

a forma de trabalhar com os estudantes a formulação e seleção dos objetivos de aprendizagens; a seleção e organização dos conteúdos de ensino e das habilidades e competências a serem desenvolvidas; as estratégias e métodos de ensino; a organização do processo docente; a natureza das tarefas a serem realizadas em classe ou extra-classe e as orientações para sua realização; a natureza da bibliografia e do material didático e as orientações para sua leitura; o sistema de avaliação e auto-avaliação da aprendizagem; as relações professor-aluno e o clima comunicativo-emocional que caracteriza a sala de aula e a instituição escolar no seu conjunto (Mitjans Martínez, 2008a, p. 72).

Citamos alguns exemplos de estratégias vinculadas a este Sistema fundamentadas em Mitjás Martínez (2008a): favorecer para que a seleção e organização dos conteúdos e das habilidades e competências a serem desenvolvidas possam ser verdadeiramente significativas; favorecer para que a bibliografia e o material didático possam ser igualmente significativos e que contenham orientações para sua leitura facilitadoras de uma aprendizagem compreensiva eficiente; favorecer para que o planejamento e a prática das estratégias e métodos de ensino possam ser flexíveis, criativos e dialogados; favorecer para que as avaliações e autoavaliações possam ser significativas e verdadeiramente reorientadoras dos processos de ensino e de aprendizagem; favorecer o clima de acolhimento afetivo e leveza nas interações professor/alunos.

O **Trabalho Pedagógico Criativo**, que se expressa de formas singulares no Sistema Didático Integral, incluindo desafios e tensões produtivas, é entendido como “formas de realização deste que representam algum tipo de novidade e que resultam valiosas de alguma forma para a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos” (Mitjás Martínez, 2008a, p. 71). Ou seja, ações pedagógicas originais, planejadas, que garantam avaliações dos seus impactos nos níveis de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos. Na crítica da autora (Op. Cit., Loc. Cit.) a “criatividade” é utilizada comumente nas salas de aulas “como objetivos em si mesmos, já que não são acompanhados de um interesse real para analisar sua eficiência e integrá-los com outros elementos do Trabalho Pedagógico, para produzir as melhorias necessárias na aprendizagem e no desenvolvimento” (p. 71).

Relacionamos a seguir algumas estratégias para a realização de um Trabalho Pedagógico Criativo, fundamentadas em Mitjás Martínez (2008a): realizar perguntas interessantes e originais nas orientações para as leituras, assim como na ação pedagógica de quem ensina, contemplar as leituras e ações pedagógicas de quem ensina com questionamento e problematização da informação, favorecer os alunos à percepção de contradições e lacunas no conhecimento, elaborar proposições personalizadas aos alunos. Isto é, levando em conta a pluralidade de processos de aprendizagens presentes nas singularidades dos sujeitos em uma sala de aula, formular questões dirigidas especialmente a cada aluno, realizar um Trabalho Pedagógico verdadeiramente flexível, incentivar os alunos à solução inovadora de problemas, incentivar os alunos à independência, à audácia e à sua autovalorização, incentivar a produção de sentidos subjetivos favorecedores de geração de novidade que recursivamente alimentam essa forma de aprendizagem.

Definimos **Aprendizagem Criativa** enquanto “uma forma de aprender caracterizada por estratégias e processos específicos, em que a novidade e a pertinência são indicadores essenciais” e que “implica em estratégias que se caracterizam pela transformação personalizada dos conteúdos a serem apreendidos, processo no qual emergem sentidos subjetivos que de forma recursiva alimentam o processo de aprender criativamente” (Mitjans Martínez, 2008a, p. 89). É importante ainda salientar que na Aprendizagem Criativa estão presentes ao menos três elementos que se articulam (Mitjans Martínez, 2012): “o exercício da condição de sujeito no processo de aprender, no sentido do seu caráter gerador, de ruptura e de subversão/transcendência em relação ao dado” (p. 91); “a produção de sentidos subjetivos favorecedores de geração de novidade que recursivamente ‘alimentam’ essa forma de aprendizagem” (p. 95) e a “atualização de configurações subjetivas diversas entre as quais parece se destacar a aprendizagem como configuração” (p. 101).

As recomendações relativas à Aprendizagem Criativa a seguir estão fundamentadas em Amaral e Mitjans Martínez (2009): Criar meios para que o aluno transforme os conteúdos de forma personalizada. Na perspectiva de Amaral e Mitjans Martínez (2009) “por meio da personalização o aluno transforma os conteúdos em algo novo, na medida em que se apropria deles e recria-os em sua história singular” (p. 164), criar meios para que o aluno seja capaz de ir além do dado, produzindo “novas” ideias sobre o aprendido. Os significados e sentidos são construídos pelo sujeito em situação de aprendizagem, não resultam da intencionalidade de quem ensina (Op. Cit.), criar meios para que o aluno compreenda-se sujeito ativo da aprendizagem, o que pode favorecer o “exercício da condição de sujeito no processo de aprender, no sentido do seu caráter gerador, de ruptura e de subversão/transcendência em relação ao dado” (Op.Cit., p. 164), criar meios para que o aluno compreenda-se sujeito “capaz de posicionar-se e de se confrontar a partir de seus projetos, pontos de vista e reflexões pessoais” (Op., Cit., p. 164), criar meios para que o aluno estabeleça compromisso reflexivo, enquanto sujeito que aprende, “sendo ele responsável pelas ideias e construções desenvolvidas nesse processo. A construção do conhecimento passa por uma apropriação pessoal do que se aprende e pela recriação crítica e reflexiva do material docente, pelo aluno.” (Op. Cit. p. 164).

3 Aplicabilidade

No intuito de repensarmos e contribuirmos para a renovação dos processos de ensino e de aprendizagens, no sentido de proporcionarmos aprendizagens produtivas, há tempos vimos contruindo um repertório de estratégias didáticas criativas voltadas, sobretudo, a três situações

características nas salas de aula: a) socialização da turma; b) explorações dos conteúdos a serem ensinados e aprendidos; c) avaliação para as aprendizagens. Contudo, dadas as limitações determinadas por este VII Congresso Mundial de Estilos de Aprendizagem, apresentamos como exemplo uma estratégia relativa a cada situação supramencionada.

Antes, é necessário alertar que as estratégias didáticas criativas devem integrar-se em um projeto maior e coletivo, onde estas sejam apenas uma das dimensões de uma educação criativa. Ou seja, não as sugerimos como atividades eventuais, mas situadas em um planejamento sistemático, permanente e coerente. Como nos alerta Mitjans Martínez (2008b),

apesar de sua motivação e de sua ação criativa em algumas direções, o professor pode 'neutralizar' os efeitos de sua própria ação na estimulação de uma aprendizagem criativa dos alunos, por não conseguir realizar mudanças coerentes em outros dos elementos que integram seu trabalho. Assim encontramos professores engajados na transformação dos seus métodos de ensino, mas que orientam o estudo da bibliografia de uma tacitamente reprodutiva e utilizam um sistema de avaliação essencialmente tradicional (p. 124-125).

Dito isto, vamos a elas:

- a) Socialização da turma: estas estratégias consideram o acolhimento afetivo, a atmosfera criativa e o estímulo à resolução inovadora de problemas sugeridos pelo Sistema Didático Integral.

Estratégia:

Aquecimento socioafetivo (Miranda, 2016): sugerimos esta estratégia para a abertura de aulas. Quando os alunos entrarem uma leve música ambiente está tocando. Cumprimente-os na entrada. Quando sentarem, aproveitando a trilha sonora, leia um texto curto ou poema estimulante, edificante. Provoque comentários da turma sobre o texto. É uma estratégia importante para a socialização da turma recém-formada e também para a criação e/ou conservação do clima afetivo da turma.

- b) Explorações dos conteúdos a serem ensinados e aprendidos:

Estratégia:

Aprendendo a perguntar (Miranda, 2016): esta estratégia promove, no âmbito do Sistema Didático Integral, o caráter produtivo do conhecimento, a valorização do esforço, o clima criativo, a centralidade do processo docente no aluno, o respeito à individualidade, a escuta aos alunos, a individualização do processo de ensino-aprendizagem, o clima de leveza nas interações professor/alunos; no tocante ao Trabalho Pedagógico Criativo, promove a problematização da informação, o incentivo à resolução inovadora de problemas, o incentivo à independência, à audácia e à autovalorização; quanto a Aprendizagem Criativa, compreende o aluno como sujeito

ativo da aprendizagem, incentiva o confronto a partir dos pontos de vista pessoais enquanto sujeito capaz de posicionar-se e o compromisso reflexivo do aluno, enquanto sujeito que aprende.

Após o estudo do texto em sala, distribua papéis aos alunos e peça para que elaborem uma pergunta acerca do texto e os dobrem. Recolha-os e os misture, colocando-os em uma caixa. Solicite que um aluno apanhe um papel e leia a pergunta em voz alta. O autor daquela pergunta será convidado a respondê-la e o professor provoca uma rápida discussão. O aluno poderá argumentar que se perguntou é porque não sabe, mas você o incentivará para que ele explore a questão do seu jeito, que expresse o que compreende da questão, que não deve temer errar. Tendo ele respondido, comente a questão ajustando a resposta do aluno à expectativa do texto estudado. Após isto, o próximo aluno dará sequência à atividade até que se esgotem as perguntas. Uma variável para esta atividade é pedir para que aquele aluno que fez o sorteio escolha um colega para respondê-la.

c) Avaliação para as aprendizagens:

Estratégia:

Escrevendo ou dizendo o que sabe (Miranda, 2016): esta estratégia promove, no contexto do Sistema Didático Integral, o caráter produtivo do conhecimento, a valorização do esforço, o clima criativo, a centralidade do processo docente no aluno, o respeito à individualidade, a escuta aos alunos, a individualização do processo de ensino-aprendizagem, o clima de acolhimento afetivo e a leveza nas interações professor/alunos, as avaliações e autoavaliações significativas, criativas e reorientadoras dos processos de ensino e de aprendizagem; no campo do Trabalho Pedagógico Criativo, lida com ação pedagógica original, o incentivo à independência, à audácia e à autovalorização; no tocante a Aprendizagem Criativa, a compreensão do aluno como sujeito ativo da aprendizagem; o incentivo ao posicionamento e confronto a partir de seus pontos de vista e reflexões pessoais enquanto sujeito capaz de posicionar-se, compromisso reflexivo do aluno, enquanto sujeito que aprende.

Peça aos alunos que escrevam livremente sobre o que consideram que sabem sobre certo assunto, sem consulta e individualmente. Eles buscarão no seu conjunto de aprendizagens aquilo que realmente lhe foi significativo. Sabendo o que eles sabem, você saberá o que eles não sabem e melhor intervirá nos processos de ensino e de aprendizagem.

4 Conclusão

Nosso compromisso com os processos de ensinar e aprender, particularmente no campo das apropriações significativas e criativas do que é ensinado; nosso interesse sobre o favorecimento ao aluno de condições de usar o conhecimento produtivamente, nos coloca em oposição às aprendizagens puramente memorísticas e instáveis, que não produzem transformações, uma das funções primordiais da educação. Por isso, firmamos o obsessivo objetivo na construção de novos sentidos para os processos de ensinar e de aprender, para que cada vez mais produzam aprendizagens efetivas, significativas, criativas e produtivas.

Nesta perspectiva recuperamos Miranda (2015) ao entender que o ato de aprender

é aquele que nos transforma, que nos melhora e nos ajuda a melhorar o mundo social. Claro que a responsabilidade por uma verdadeira aprendizagem é compartilhada entre quem aprende e quem ensina. Atores centrais desta trama envolvente! O aluno é protagonista. Mas o professor, longe de ser apenas coadjuvante, desempenha papéis primordiais instituindo parcerias essenciais! Este precisa imbuir-se das convicções e das estratégias que podem fazê-lo um professor comprometido com processos de ensinar que possibilitem aos conteúdos ensinados terem sentido! Quer seja por meio de aulas mais criativas, mais flexíveis, mais dinâmicas, mais dialogadas, mais lúdicas; quer seja fazendo com que as leituras propostas sejam provocativas, com que as avaliações sejam coerentes com o ensinado e que sejam momentos a mais de aprendizado e não de punição; quer seja pelo estabelecimento de relações mais afetivas e mais acolhedoras entre professor e alunos (p. 12-13).

Desta forma, entendendo que velhas chaves não abrem novas portas, jamais alcançaremos uma educação transformadora e sintonizada com os tempos em que vivemos perpetrando a mesma aula praticada na ancestralidade da educação formal. Paradoxalmente, somos convictos de que os tempos são outros, frase que está no nosso discurso hodierno, mas teimamos em trafegar na contramão repetindo fórmulas caducas, ortodoxas e nocivas a processos educativos que querem ser efetivos e transformadores. Vivemos uma modernidade de mudanças extremamente velozes, mas ainda escrevemos no quadro-de-giz e submetemos nossos alunos a testagens de conhecimentos. Aliás, se há algo que evoluiu no contexto da escola foi o quadro-de-giz, que nasceu negro, ficou verde, depois branco e, por último, elevou-se à categoria de data-show. Mas as estratégias didáticas praticadas são as mesmas, são maçantes, são entediantes, são fastidiosas. Este abuso de sinônimos é proposital, é a metáfora de um grito por processos de ensinagens sedutores, vivos e surpreendentes. De modo que as aprendizagens irrompam igualmente sedutoras, vivas e surpreendentes! De modo que a escola não seja um fardo nos ombros de professores e alunos, não seja apenas o cumprimento de uma obrigação penosa, porque necessária. Mas de vivências singulares, criativas, enriquecedoras. De aprendizados que

continuam vivos e pulsantes, mesmo depois de acabas as aulas. São estes os objetivos que desejamos alcançar com esta nossa contribuição

5 Referências

Amaral, A. L. S. N. & Mitjáns Martínez, A. (2009). Aprendizagem criativa no ensino superior: A significação da dimensão subjetiva. In: Mitjáns Martínez, Albertina.; Tacca, Maria Carmem Vilela. (Orgs.). A complexidade da aprendizagem: Destaque ao ensino superior. Campinas: Alínea.

González Rey, F. L. (1999). Psicologia e educação: Desafios e projeções. In: Rays, Oswaldo Alonso (Org.). Trabalho pedagógico: realidade e perspectivas. Porto Alegre: Sulina.

González Rey, F. L. (2003). Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning.

Miranda, S. de. (2015). Estratégias criativas de aprendizagens: Para quem quer aprender melhor. São Paulo: Paulinas.

Miranda, S. de. (2016). Estratégias didáticas criativas para o trabalho pedagógico: 61 técnicas para a produção de aprendizagens efetivas. Campinas: Papirus.

Mitjáns Martínez, A. (1997). Criatividade, personalidade e educação. Campinas: Papirus.

Mitjáns Martínez, A. (2008a). Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem: Uma relação necessária? In: Tacca, Maria Carmen (Org.). Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas: Alínea.

Mitjáns Martínez, A. (2008b). A criatividade como princípio funcional da aula: Limites e possibilidades. In: Veiga, Ilma Passos Alencastro. (Org.). Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus.

Mitjáns Martínez, A., & González Rey, F. (2012). O subjetivo e o operacional na aprendizagem escolar: Pesquisas e reflexões. In: Mitjáns Martínez, Albertina; Scoz, Beatriz Judith Lima.; Castanho, Marisa Irene Siqueira (Orgs). Ensino e aprendizagem: A subjetividade em foco. Brasília: Liber Livro.

Mitjáns Martínez, A. (2012). Aprendizagem criativa: Desafios para a prática pedagógica. In: Nunes, Cláudio Pinto (Org.). Didática e formação de professores. Ijuí: Unijuí.